

Formar mais que antropólogos, fazer antropologia: memórias, socialização e prática acadêmica a partir de uma experiência de formação com Roberto Kant de Lima

More than just forming anthropologists, practicing anthropology: memories, socialization and academic practice based on a professional experience with Roberto Kant de Lima

Paloma Monteiro

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Natália Barroso Brandão

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

Este artigo parte de uma ausência e de um luto coletivo para refletir sobre uma experiência de formação antropológica vivenciada sob a orientação e coordenação do antropólogo, professor e pesquisador Roberto Kant de Lima, falecido em 19 de maio de 2025. Sem a pretensão de constituir uma homenagem *in memoriam*, tomamos como ponto de partida as memórias compartilhadas enquanto alunas, orientandas, colegas e amigas para compreender a atuação de um antropólogo-professor-gestor cuja prática pedagógica articulava formação intelectual, pesquisa, trabalho institucional, administração acadêmica, afeto e produção coletiva. Ao reconstruir situações vividas, conversas e ensinamentos, buscamos compreender como uma determinada maneira de fazer antropologia foi transmitida para além de textos, aulas e reuniões, por meio de práticas, relações e modos de ser e estar na antropologia e no campo acadêmico. Nesse sentido, ensaiamos etnografar os caminhos percorridos junto ao Kant em um empreendimento de formação marcado obrigatoriamente pela convivência entre alunos em diferentes estágios de formação, professores, servidores e interlocutores de pesquisa, pelas práticas de pesquisa e gestão acadêmica e pela transmissão de um pensamento social brasileiro compreendido e elaborado através da participação em uma forma de vida acadêmica. As memórias são, assim, tomadas como chave metodológica para pensar sua contribuição à formação antropológica no Brasil e para reconhecer, nas práticas que hoje realizamos, os vestígios de uma maneira de fazer antropologia aprendida na convivência, nos projetos, nas tradicionais reuniões de segunda-feira, nas conversas, nos conflitos,

Recebido em 26 de agosto de 2026.

Aceito em 8 de setembro de 2026.



nas decisões, nas dúvidas e nos erros. Ao retomar a pergunta formulada pelo próprio Kant sobre “como se faz um antropólogo no Brasil?”, refletimos sobre aquilo que se aprende com um professor para além de disciplinas, bibliografias, conceitos e hierarquias, a partir da descrição e desnaturalização das suas próprias práticas.

Palavras-chave: Roberto Kant de Lima, Antropologia, Teoria antropológica.

ABSTRACT

This article takes as its starting point a loss and a collective grieving process to reflect on an anthropological formative experience lived under the guidance and coordination of the anthropologist, professor, and researcher Roberto Kant de Lima, who passed away on May 19, 2025. Without intending to offer a memorial tribute, we take as our starting point the shared memories we have as students, advisees, colleagues, and friends to understand the work of an anthropologist-professor-administrator whose pedagogical practice integrated intellectual training, research, institutional work, administration, affection, and collective production. By reconstructing lived experiences, conversations, and lessons, we seek to understand how a particular way of practicing anthropology was transmitted beyond texts, classes, and meetings—through practices, relationships, and ways of being and acting within anthropology and the academic field. In this sense, we have attempted to ethnographically document the paths we have traveled alongside Kant in an educational endeavor inevitably shaped by the interaction among students at different stages of their education, professors, staff, and research interlocutors, by research practices and academic administration, and by the transmission of a Brazilian social thought understood and developed through participation in a specific academic way of life. Memories are thus taken as a methodological key to reflecting on his contribution to anthropological training in Brazil and to recognizing, in the practices we carry out today, the traces of a way of doing anthropology learned through shared experiences, projects, his traditional Monday meetings, conversations, conflicts, decisions, doubts, and mistakes. In revisiting the question posed by Kant himself— “How does one become an anthropologist in Brazil?”—we reflect on what one learns from a professor beyond courses, reading lists, concepts, and hierarchies, based on the description and denaturalization of his own practices.

Keywords: Roberto Kant de Lima, Anthropology, Anthropological theory.

INTRODUÇÃO

Este texto nasce de uma ausência, de um luto coletivo, embora não possua a pretensão

de ser uma homenagem *in memoriam*. Decerto, é a partir das memórias que compartilhamos enquanto eternas alunas, orientandas, colegas e amigas do professor Roberto Kant de Lima, que nos deixou no dia 19 de maio de 2025, que foi possível escrevê-lo para integrar o presente número especial.

Em momentos semelhantes, mas diferentes, nossos caminhos se cruzaram com o de Kant — maneira como todos nós o chamávamos e como assim o faremos ao longo deste texto —, na ocasião em que entramos no mestrado sob sua orientação, em 2013 e 2015, no Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional (PPGDC) e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), ambos da Universidade Federal Fluminense (UFF), por indicação do antropólogo, professor e pesquisador Ronaldo Joaquim da Silveira Lobão e, desde então, seguimos trabalhando juntos.

Nosso objetivo, ao mergulhar na dura tarefa de entrelaçar a tensão entre saudade e experiência, luto e ensaio antropológico, é apresentar uma reflexão sobre uma experiência de formação antropológica. Experiência essa que se deu a partir da atuação profissional de um antropólogo-professor-gestor, cuja prática pedagógica não separava formação intelectual, pesquisa, trabalho institucional, administração acadêmica, afeto e produção coletiva. Ao reconstruir situações vividas, conversas e ensinamentos, buscamos compreender como uma determinada maneira de fazer antropologia foi transmitida não apenas por textos, aulas e reuniões, mas por práticas, relações e modos de ser e estar no campo acadêmico.

Ao tomar como ponto de partida a descrição de nossas experiências de formação sob a orientação do Kant, ensaiamos etnografar alguns dos caminhos por ele trilhados no desenrolar de um verdadeiro empreendimento de formação antropológica. No exercício de uma convivência múltipla, diversificada e compartilhada entre alunos em diferentes estágios de formação, professores, servidores da universidade e interlocutores de pesquisa, na qual se discutia tanto sobre práticas de pesquisa quanto de gestão acadêmica, essa formação se revelava como algo muito mais amplo do que apenas uma prática de transmissão de conhecimento. Por meio do treinamento e da participação em uma forma de vida acadêmica, estávamos diante de um empreendimento de pensamento social brasileiro.

Os frutos do empenho realizado por Kant e seus alunos, a quem ele fazia questão de “profissionalizar para nos tornarmos colegas”, alcançaram — e seguem alcançando — proporções coletivas e numéricas muito significativas, sendo o Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC)¹ um dos exemplos, e certamente sua inscrição

¹ O INCT-InEAC é um Instituto de Ciência e Tecnologia na área das ciências humanas, criado em 2009 a partir de uma rede internacional de pesquisadores formada em torno dos trabalhos realizados no Núcleo Fluminense

nos quadros do fazer antropológico brasileiro e internacional.

Essas memórias, compartilhadas coletivamente não apenas entre nós, que assinamos este artigo, mas entre tantos colegas também formados pelo Kant, serão aqui discutidas, explicitadas e transformadas em uma chave teórico-metodológica para pensar a sua contribuição para a própria formação antropológica no Brasil. Escrever sobre o trabalho aprendido e realizado junto ao Kant é tentar compreender uma experiência de formação, é apresentar algumas das respostas que ele mesmo deu à pergunta que ele fez ao etnografar a sua própria formação em *Antropologia da Academia: quando os índios somos nós* (1985) (Kant de Lima, 2011 [1985]): “como se faz um antropólogo no Brasil?” (p. 25). É refletir sobre o que, afinal, é possível aprender com um professor durante e além de uma disciplina, uma bibliografia, uma aula ou mesmo um conjunto de conceitos. É tentar reconhecer hoje, nas nossas próprias práticas, os vestígios de uma maneira de fazer antropologia que foi sendo construída na convivência, nas reuniões, nos projetos, nas conversas, nos conflitos, nas decisões, nas dúvidas, nos erros e, sobretudo, na participação cotidiana em uma determinada forma de fazer ciência.

A descrição e a desnaturalização dedicada sistematicamente às nossas próprias práticas, aliás, é o que Kant ensina como sendo a própria prática de produção antropológica: um “conhecimento permanentemente crítico das categorias, moldes e teorias em que se investe”, em “uma disciplina voltada para a compreensão dos problemas enfrentados pela sociedade que a originou, realizada pelo método comparativo” (Kant de Lima, 2011, p. 19-20).

“É JUSTAMENTE NOS MOMENTOS EM QUE EU ACERTO EM CHEIO QUE EU SINTO A SUA FALTA”

Foi na ocasião da realização do 1º Simpósio de Antropologia, Direitos Humanos e Conflitos: perspectivas contemporâneas, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina

de Estudos e Pesquisa (NUFEP), fundado em 1994 no Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF) da Universidade Federal Fluminense. O InEAC teve seus projetos aprovados por três vezes, nas Chamadas nº 15/2008 CT/CNPq/FNDCT/CAPES/FAPEMIG/FAPERJ/ FAPESP, nº 16/2014 INCT/MCT/CNPq/CAPES/FAPs e nº 46/2024CNPq/SECTICS/CAPES/FAPs do Programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia/CNPq, que visa fortalecer a formação qualificada de quadros para o desenvolvimento de pesquisas de excelência, internacionalizar os resultados das pesquisas e transferir tais resultados para a sociedade. O InEAC, assim, constitui-se em consolidada rede nacional e internacional de aproximadamente 100 pesquisadores doutores e outros 200 em formação, instituições de ensino, pesquisa e extensão, em 33 subprojetos, reunidos há 12 anos e presente em sete estados brasileiros (Rio de Janeiro, Roraima, Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul, Distrito Federal) e, além do Brasil, em sete países estrangeiros (Canadá, Argentina, França, Estados Unidos, Portugal, Suíça, Peru), cujas pesquisas desenvolvem-se em torno do tema dos conflitos e suas formas de administração na sociedade brasileira, em perspectiva comparada. Coordenado por Roberto Kant de Lima até o seu falecimento, o INCT- InEAC atualmente é coordenado pela antropóloga Lucía Eilbaum.

(UFSC) entre os dias de 10 a 12 de setembro de 2025, que nos deparamos com o primeiro desafio de falar sobre o Kant, depois do seu falecimento. Organizado pelo Laboratório Universitário de Política, Direitos, Conflitos e Antropologia (LUPA) da UFSC, sob coordenação da antropóloga Flavia Medeiros — também aluna, orientanda, colega e amiga do Kant, o Simpósio contaria originalmente com a presença do próprio. Sua sentida ausência foi substituída por uma mesa de homenagem na qual participamos, ainda muito chorosos, nós, Flavia Medeiros e mais os antropólogos e colegas Lucía Eilbaum e Frederico Policarpo, que compartilham do mesmo percurso afetivo-formativo-institucional.

Embora muito duro, foi um momento em que pudemos compartilhar do luto entre aqueles que o conheciam há décadas e entre as novas gerações que o conheceram apenas através das suas publicações e das muitas histórias contadas sobre ele. E, mais ainda, em que foi possível refletir justamente sobre a formação por ele desenvolvida e compartilhada entre nós, absorvida e inculcada tão fortemente em nossa conformação enquanto não apenas antropólogos, mas profissionais na academia.

Foi ao organizar a fala apresentada na ocasião que me dei conta de um elemento muito importante dessa forma de socialização empreendida por Kant. Logo após a sua partida, imaginei junto aos meus colegas que o sofrimento se faria mais fortemente presente nos momentos em que, para além do silêncio de um amigo querido, nos deparássemos com as recorrentes “sinucas de bico” institucionais ou próprias dos campos de pesquisa de nossa vida profissional. Naqueles momentos difíceis em que hesitamos ou mesmo não sabemos de pronto o que fazer ou pensar, nos quais ele era inegavelmente uma referência para nos guiar pelas possibilidades de lidar com o conflito — se não administrando-o de imediato, sempre explicitando e etnografando até se encontrar o melhor caminho para lidar com o problema. Imaginei que a ausência seria mais brutal diante das dúvidas, das decisões difíceis, dos impasses de pesquisa ou daqueles momentos em que a gente iria escrever para ele: “e agora?”, mas logo descobri que não era exatamente aí que eu sentiria mais a sua falta.

“É justamente nos momentos em que eu acerto em cheio que eu sinto a sua falta!”, eu disse na mesa, ainda me dirigindo a ele. É quando algum projeto dá certo, quando uma empreitada se realiza, quando uma pesquisa encontra seu caminho, quando uma parceria se constrói, quando conseguimos reconhecer em uma decisão ou em uma maneira de conduzir determinada situação algo que aprendemos “direitinho” com ele — como ele dizia, são nesses momentos que a ausência se torna particularmente concreta.

Percebemos, então, que a sua falta é irremediavelmente constatada não quando nos falta uma resposta, mas quando o aprendizado daquilo que ele nos ensinou a fazer se realiza. Não

havia ninguém melhor e mais entusiasmado do que Kant para ouvir e reagir às nossas vitórias, aos novos voos e novos projetos. Mas, mais do que alguém para celebrar, essa reação era um reconhecimento entre colegas, um modo de estar na academia, de construir relações e de produzir conhecimento, era a conformação de um aprendizado, de uma autonomia, da construção de cada vez mais ramos dentro de uma rede cada vez maior de pesquisadores. Era a “expressão de seu desejo de ver multiplicarem-se espíritos questionadores em investigadores independentes” que o professor Luiz de Castro Faria sentia, conforme trecho escrito pelo antropólogo Antonio Carlos de Souza Lima no emblemático terceiro volume do livro *Escritos Exumados – Lições de um Praticante* (2006, p.14), sobre o qual falaremos mais adiante.

Essa autonomia é um elemento chave para compreender que, para Kant, a formação não poderia ser apenas uma experiência de transmissão de conhecimento, mas um processo de socialização que não poderia se realizar adequadamente havendo qualquer separação rígida entre aquilo que seria “assunto de pesquisa”, “assunto de professores” e “assunto administrativo”. A socialização era completa porque, para ele, essas dimensões eram indissociáveis da formação e da própria continuidade de uma carreira acadêmica. Aprender a fazer antropologia implicava também aprender a circular pelas instituições, compreender suas regras explícitas e implícitas, administrar recursos e pessoas, construir parcerias, enfrentar conflitos, reconhecer relações de poder e compreender as condições concretas nas quais a produção científica se torna possível.

Não se tratava de um estilo pessoal de condução. Claro, Kant era a idiossincrasia em pessoa, realmente um daqueles sujeitos que você conhece apenas uma vez na vida — se tiver sorte! Mas havia ali uma proposta de formação e de profissionalização muito conscientes. Uma proposta que exigia conhecer não somente os instrumentos conceituais e metodológicos da antropologia, mas também a própria instituição na qual a antropologia era produzida. Aprendíamos, ao mesmo tempo, a fazer pesquisa e a fazer a pesquisa existir, nos organizar em rede, nos internacionalizar, estudar editais, aprender a “caçar” fomento e a prestar conta depois. Isso significava conhecer os caminhos administrativos, as relações institucionais, os modos de circulação de recursos, as disputas e negociações que atravessam uma universidade pública e as formas pelas quais pessoas, projetos e conhecimentos são produzidos, reproduzidos e distribuídos.

Essa experiência também nos permitia perceber, por contraste — conforme aprendemos com ele —, que diferentes instituições produzem diferentes formas de relação e de trabalho, para além das desigualdades. As experiências em organizações não governamentais e da sociedade civil, com as associações de moradores, em equipes profissionais brasileiras e estrangeiras, por exemplo, apresentavam outras formas de organizar pessoas, pautas, tempos

e responsabilidades. O contraste entre esses espaços tornava possível perceber que aquilo que aparecia como “natural” em uma instituição era, na realidade, resultado de determinadas lógicas de organização, de representação, de ideias. A universidade brasileira, a universidade norte-americana, argentina, francesa e por aí vai, o mercado, os coletivos acadêmicos e outras formas de organização produzem diferentes regimes de trabalho, autoridade, pertencimento e circulação de recursos.

Havia, portanto, uma etnografia da própria academia implicada naquele processo de formação. E Kant foi pioneiro em realizar e publicar uma etnografia² sobre o assunto, a partir do contraste entre a sua experiência de formação no Brasil (o mestrado em antropologia no Museu Nacional, de 1974 a 1978) e nos EUA (o doutorado em antropologia em Harvard, de 1979 a 1986). No já mencionado livro *Antropologia da Academia: quando os índios somos nós* (1985) Kant escreveu sobre as diferentes formas de produção de conhecimento acadêmico a partir de uma crítica ao colonialismo/imperialismo cultural que situa a origem e a trajetória da própria prática da antropologia no Brasil, e já antecipava todas as questões sobre as quais se debruçou ao longo de toda carreira.

Era preciso conhecer a universidade para além de sua representação como lugar abstrato de produção de conhecimento. Compreender suas nuances, seus conflitos, seus modos de funcionamento e suas formas de produzir sujeitos acadêmicos. E isso tinha consequências para o próprio fazer antropológico, uma vez que não bastava produzir uma antropologia atenta e consciente de si, mas também compreender as condições institucionais, históricas e sociais que permitiam sua realização.

PIONEIRO E TIMONEIRO

Essa maneira de pensar, produzir e formar em antropologia explicita uma das dimensões mais propriamente antropológicas da atuação profissional que Kant desempenhou, e que orientou os seus feitos na política institucional do ensino público superior no Brasil. A sua compreensão e implicação antropológica conduziu não apenas as suas pesquisas, publicações e coordenação de grupos e instituto de pesquisa, mas culminou na criação de uma unidade

2 Para uma resenha crítica do livro, ler *Quanto vale a liberdade? A antropologia da academia, 40 anos depois* escrita pelo antropólogo Edilson Márcio Almeida da Silva (2025), surpreendentemente a única discussão já publicada sobre o livro, 40 anos depois da sua primeira edição, como salienta o autor. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2025.v57.i1.a67010>.

acadêmica na UFF, o Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (IAC). O IAC, localizado no campus do Valonguinho, abriga o curso de bacharelado em Segurança Pública e Social – o primeiro em uma universidade pública, o curso de tecnólogo em Segurança Pública na modalidade semipresencial em parceria com o consórcio CEDERJ, que por exigência do Ministério da Educação é de oferta exclusiva para agentes de segurança pública, e o Programa de Pós-Graduação em Justiça e Segurança, programa multidisciplinar inscrito na área de antropologia da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Pioneiro e inovador em promover uma antropologia do Direito e da Segurança Pública, duas áreas até então pouco pesquisadas na Antropologia — ou com um tratamento antropológico pouco adequado —, não por acaso, encontrou muita resistência entre alguns dos seus próprios pares na academia em razão dos projetos que coordenou, sobretudo os que envolviam agentes de segurança pública. Essa resistência expressava uma perspectiva pouco antropológica dos colegas acerca da incapacidade de produzir um estranhamento sobre os próprios desconfortos e do trato com a diferença, e a dificuldade em construir, apesar dos desafios históricos, institucionais e explícitos, uma possibilidade de promover e ensinar a esses setores como realizar a explicitação e uma reflexão crítica das suas próprias práticas.

Como ele ensinava, tratava-se de “estudar o direito, COM o direito”, de “pesquisar segurança pública, COM seus agentes”. Não era apenas uma formulação teórico-metodológica obrigatória para praticar antropologia. Era também uma posição política e institucional, a favor da universidade e de uma sociedade mais igualitária. Uma maneira de se colocar diante do conhecimento, dos seus objetos, dos seus interlocutores. Tratava-se de não tomar o Direito e a Segurança Pública como objetos externos, previamente delimitados, sobre o qual a Antropologia poderia simplesmente lançar seu olhar. Tratava-se de construir um conhecimento implicado com aqueles que produzem, interpretam, disputam e vivem o Direito e a Segurança Pública, de modo que eles sejam capazes, em alguma medida, de elaborar e refletir sobre suas próprias práticas, à semelhança de como se produz o conhecimento na própria Antropologia.

O desconforto não deveria ser eliminado por meio da construção de fronteiras disciplinares ou da transformação da antropologia em um campo fechado sobre si mesmo. Ao contrário, ele poderia ser produtivo. Obrigar-se a olhar para aqueles que também produzem conhecimento sobre nós, que possuem suas próprias categorias, teorias, interpretações e formas de compreender o mundo, significava levar a sério a dimensão relacional da antropologia.

Essa perspectiva já era pertinente a Kant quando essa discussão começou a se desenhar com mais força no campo da antropologia internacional com a publicação, em 1972, do

aclamado artigo da antropóloga norte-americana Laura Nader (1972), *Up the Anthropologist: Perspectives Gained from Studying Up*. E pode ser lido na trajetória de pesquisa do Kant, dentre outras, em uma de suas publicações mais recentes, em coautoria com os colegas Fabio Reis Mota e Leonardo Brama, *Confusion of horizons? with unwanted Others: Frustrations, results and effects of ethnographic practices in the realm of justice and public safety* na revista *Vibrant*, em 2024.

O prefácio *A antropologia com o Direito e com a Segurança Pública, no Brasil, em perspectiva comparada* escrito por ele em janeiro de 2025 para o livro do antropólogo, colega e amigo Luís Roberto Cardoso de Oliveira, *Desigualdade de tratamento e cidadania no Brasil* (2025), conta em detalhes e, em um esforço “hercúleo”, um resumo dessa trajetória. Uma pequena amostra dessa experiência está no trecho abaixo, em que ele conta sobre o curso de especialização *lato sensu* para oficiais da Polícia Militar do Estado Rio de Janeiro (PMERJ), desenvolvido a pedido do próprio Comando Maior, sobre “Políticas de Justiça Criminal e Segurança Pública” realizado na UFF, que se tornou obrigatório de 2000 a 2006 para a promoção de oficiais da PMERJ e, posteriormente, delegados da Polícia civil.

O curso colocou em contato professores e alunos do Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFF e de outras instituições e programas de pós-graduação em Ciências Sociais com não só oficiais da PMERJ, mas também alunos cientistas sociais, juízes, promotores, policiais civis, jornalistas, advogados criminais. Iniciou-se, assim, um diálogo até então improvável no Brasil, dadas as posições francamente antagônicas das Ciências Sociais com a repressão policial, que se revelou inicialmente extremamente difícil, mas que, em um ambiente acadêmico, permitiu que se formassem projetos em conjunto, para a criação de currículos que enfatizassem no curso uma perspectiva da segurança pública a partir da sociedade e não apenas do Estado (Kant de Lima; Mota; Brama, 2024). O que aprendemos com esses cursos, que envolveram cerca de 700 alunos nos 6 anos em que foi obrigatório, foi que os agentes da justiça e a segurança pública no Brasil não estão preparados para administrar os conflitos que lhes são trazidos. Sua formação principal provém de fontes militares que prezam a formação dos “combatentes” (categoria nativa dos policiais militares) e da obediência a ordens (Kant de Lima; Geraldo, 2022); e do Direito Penal punitivo, que não administra conflitos, mas pune infratores, a posteriori, sem nenhuma preocupação em evitar que as leis sejam transgredidas por socializações escolares e, mesmo, policiais e judiciárias.

Isto era claro nas aulas ministradas, em que ficava explícito que tanto os policiais militares, quanto os alunos formados em direito não estavam socializados nas discussões acadêmicas nem no consumo de artigos científicos. [...] Assim, por 25 anos, estamos em plena conversação, agora, desenvolvida com os colegas do Direito e da Segurança Pública, iniciando-os e preparando-os para orientar pesquisas empíricas com trabalho de campo em suas áreas, as quais possuem um diferencial extremamente importante para a compreensão dos efeitos que as práticas das instituições policiais e judiciais têm na sociedade. Estamos preenchendo, assim, uma lacuna das mais relevantes no campo do Direito e das Ciências Sociais do Brasil. Daí o título de meu prefácio, Antropologia “com” o Direito e “com” a segurança pública. E não, somente, “sobre” o Direito e a Segurança Pública (Kant de Lima, 2025, p. 16-18).

Essas duas publicações são citadas aqui não apenas pelo conteúdo que aponta exatamente para os objetivos deste artigo, em etnografar uma trajetória de formação junto ao Kant, mas demonstram também, pelas suas datas de publicação, robustez e compromisso com sua prática teórica-metodológica ao exercitar a permanente reflexão da sua própria trajetória de 50 anos de antropologia. E, claro, expressam o volume de trabalho que Kant, incansavelmente e sempre entusiasmadamente, deu conta de realizar até seus últimos instantes conosco.

Por isso, revisitar sua trajetória e seus ensinamentos implica também revisitar uma determinada concepção de antropologia, feita necessariamente com, a partir e junto da diferença. Uma antropologia que só existe ao voltar seu olhar para si mesma e para as condições nas quais se produz seu conhecimento. E, ao propor que os interlocutores realizem o mesmo exercício, uma antropologia que não pode se fechar sobre objetos e campos previamente delimitados sem interrogar as fronteiras que ela própria constrói.

OS MANTRAS: “EM PERSPECTIVA COMPARADA POR CONTRASTE” E “PARA CIMA E PARA O ALTO!”

A irreverência do Kant era algo também muito marcante entre aqueles que tiveram a oportunidade de encontrá-lo pessoalmente, em qualquer ocasião e sob qualquer que fosse o nível de proximidade. Graças a mais uma das suas grandes sacadas, em abril de 2018, o INCT-InEAC inaugurou o Laboratório Estúdio Multimídia Multiusuário (LEMI), sob coordenação do jornalista Claudio Salles. O espaço, criado pelo Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (NEPEAC/UFF) com apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PROPPI) e da UFF, produz conteúdos audiovisuais, programas para web e TV, promovendo a difusão científica das pesquisas realizadas pelos pesquisadores da rede à sociedade³. Embora obviamente esse não tenha sido o objetivo, felizmente essa irreverência está registrada em vídeos no canal do INCT-InEAC no Youtube em magistrais e incontáveis aulas, conferências, bancas, entrevistas, lançamentos de livros e celebrações das quais ele fez parte, desde gravações recuperadas da década de 90 até as

3 O LEMI, coordenado pelo jornalista Claudio Salles e sua equipe de bolsistas de apoio técnico, tem sido uma importante ferramenta de audiovisual, transmissão ao vivo, divulgação científica e registro de todo um legado de pesquisas realizadas pelos pesquisadores vinculados ao INCT-InEAC. Todo material está disponível no canal do InEAC no Youtube (<https://www.youtube.com/c/ineac>), que consta até o momento com mais de 6.800 inscritos e, em 2022, recebeu o I Prêmio de Divulgação Científica da Associação Brasileira de Antropologia, durante a 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, categoria Série de Lives, com o projeto “InEAC AO VIVO: Série de Lives na Pandemia (2020-2022)”.

realizadas em 2025.

Uma dessas participações, gravada e disponível no Youtube, é particularmente importante para a escrita desse texto, em uma mesa realizada durante os eventos comemorativos dos 30 anos do Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas (NUFEP) — voltaremos a ele —, no dia 28 de agosto de 2024. Na Mesa⁴, estavam, além do Kant, os antropólogos e colegas Fabio Reis Mota, coordenador do NUFEP e da organização do evento, Felipe Berocan, Lucía Eilbaum, Edilson Márcio Almeida da Silva e a convidada especial Mylene Lahud Guedes, filha da saudosa antropóloga, professora e pesquisadora Simoni Lahud Guedes. Já ao final de sua fala, apontando para um livro em suas mãos, Kant diz, “Se alguém quer saber porque isso aqui deu certo, foi porque eu segui a cartilha do Castro Faria, que está aqui publicado”, mostrando para o público presente — e online — o seu exemplar de *Antropologia - Escritos exumados 3 - Lições de um praticante*.

Publicado em 2006, pela EdUFF, o livro é o terceiro e último volume da série *Antropologia - Escritos exumados*, de iniciativa e organização do seu aluno, o antropólogo Antonio Carlos de Souza Lima, e apresenta um conjunto de materiais e artigos muito interessantes e pouquíssimos usuais de serem publicados na academia. Trata-se do conjunto de tudo que foi possível recuperar das ementas e programas de cursos ministrados por Castro Faria — como seus alunos o chamavam — nos arquivos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ) e no antigo Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política da UFF (PPGACP/UFF), entre os anos de 1968 a 1996.

Kant assina o quarto capítulo, escrito em 2004 e intitulado: *A presença de Castro Faria na Universidade Federal Fluminense (1993-1998): uma perspectiva afetivo-institucional*. No texto, ele não apenas transcreve o texto do regimento do Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas (NUFEP), elaborado por Castro Faria e em conjunto com outros colegas, fundado em 1994 na Universidade Federal Fluminense, mas conta a sua origem, a importância do apoio de Castro Faria para a institucionalização de um programa de pós-graduação em antropologia na UFF e os objetivos, evidenciando os desafios e disputas pela institucionalização da antropologia no próprio campo.

Nessa e em várias outras ocasiões, Kant sempre fazia questão de nos falar sobre a fundação do NUFEP, “onde tudo isso aí começou”, e de frisar que ele não havia inventado ou ensinado o quê e como fazer, mas como hábil “instrumentalizador” e pragmático que era, foi

4 Disponível em: <https://youtu.be/qbzOUF7QtIA?si=KZWzXEFgFedJztyW>. Acesso em: 27 ago. 2026.

capaz de ser o executor — como ele também sempre dizia — do exemplar e rígido treinamento expresso no projeto de formação antropológica idealizado e proposto por Castro Faria. Em conversa com alguns colegas, brincamos com o trocadilho “o que Castro Faria, Kant fez”.

É importante atentar que Kant escreveu esse texto em 2004, isto é, apenas 10 anos após a fundação do Núcleo e, coincidentemente, 20 anos depois, em 2024, retomou sua leitura para demonstrar, em ambos os momentos, que seguir à risca a cartilha rendeu tanto ou mais frutos do que ele poderia imaginar. E, jamais sozinho, como sempre também fazia questão de destacar: “Isso daqui não é uma criação individual, é um espírito, uma ambiência acadêmica”, disse ele na Mesa.

A importância de um núcleo institucionalizado de pesquisa nos quadros de um programa de pós-graduação no Brasil permite, entre tantas outras atividades, que uma rede de pesquisadores seja não apenas formada, mas organizada, consolidada e capacitada para realizar suas pesquisas com financiamento das agências de apoio à pesquisa no país e fora dele. É também onde se promovem os encontros para que os seus membros possam estar constantemente discutindo seus problemas de pesquisa, circulando as informações, estabelecendo parcerias e cooperações, compartilhando dúvidas e conhecimentos, convivendo com colegas de todos os níveis de formação e atuação diversa no universo e para além da academia, isto é, a socialização conduzida por Kant.

A leitura do regimento por aqueles que passaram pela formação junto ao Kant é impactante. Temos a sensação de ler uma etnografia sobre nossas experiências vividas nas reuniões que ele realizou até o limite máximo de sua saúde, imparável, entusiasmado, *workaholic* e, impreterivelmente, por incríveis 30 anos ininterruptos, sempre às segundas-feiras, e que merecem uma sessão dedicada apenas a elas, mais à frente.

Não iremos nos alongar nas citações do texto do regimento, uma vez que já sabemos que ele está publicado na íntegra, mas vale transcrever aqui os seus primeiros itens e indicar os subtítulos, que explicitam os princípios que nortearam o NUFEP e tudo que veio a seguir, em especial o INCT-InEAC.

1 - ALGUMAS RAZÕES

1.1 - RAZÃO DOMINANTE

A razão dominante é criar nova forma de relacionamento de membros do corpo docente e discente, sem nenhuma subordinação aos preceitos da atividade acadêmica regular. Na academia as relações são hierarquizadas - hierarquias de graus, de titulação e de funções; são rotinizadas - currículos, disciplinas, calendário escolar, horários, reuniões de colegiados - e consequentemente as formas de relacionamento que se efetuam no espaço acadêmico estão predeterminadas e são burocratizadas.

A proposta em causa é de superação de todas essas injunções, de rompimento de

barreiras formais pré-estabelecidas, da fundação, enfim, de uma nova forma de relacionamento, num novo espaço, na academia, mas independente das suas rotinas e ordenações.

1.2 - RAZÕES SUBORDINADAS

1.2.1 - Chamar-se Núcleo

O nome Núcleo - e não Instituto, Centro, Círculo, Grêmio - revela ao mesmo tempo o seu caráter de sede de uma forma especial, nova, de relacionamento de trabalhadores intelectuais, e o seu propósito de ser um ponto de irradiação de forças direcionadas para objetivos bem definidos.

As atividades do Núcleo serão o resultado do relacionamento de profissionais da área de Ciências Humanas igualmente empenhados na produção intelectual - estudos e pesquisas - de relevância comprovada-

O único critério de distinção dos seus participantes será a competência, e não qualquer forma de titulação.

1.2.2 - Ser fluminense

O fato de estar localizado no Campus da Universidade Federal

Fluminense como sinal de pertencimento. Indica o *locus*, mas não representa uma limitação. Embora estudos e pesquisas no território fluminense possam merecer prioridades em termos de práticas, só o critério de relevância científica estabelecerá limites e indicará rumos.

1.2.3 - Promover estudos

Como a construção de objetos de pesquisa exige um trabalho preliminar que a rotina acadêmica geralmente não permite realizar com profundidade, e nem oferece espaço e tempo próprios para debater, o

NÚCLEO terá como um dos seus objetivos preencher esse vazio. Ele servirá para o estudo compartilhado de temas que facilitem a construção de objetos de pesquisa, ou simples objetos de reflexão, de qualquer interessado, independentemente de titulação. A realização de estudos proporcionará uma oportunidade bem maior de aproximação de docentes e discentes que, independentemente da realização de pesquisa, sintam uma atração mais forte para o trabalho intelectual questionador e revisionista.

1.2.4 - Realizar Pesquisas

Num nível distinto, o NÚCLEO oferecerá condições especiais para a realização de pesquisas. As pesquisas não serão do Núcleo, mas dos seus afiliados, que no espaço e no tempo próprios do Núcleo encontrarão lugar para recolher e manusear documentação, e hora para encontro com interlocutores competentes.

É claro que projetos individuais podem se tornar linhas de pesquisa do Núcleo, que terá sua função de sede e de ponto de irradiação de forças direcionadas para objetivos bem definidos plenamente atingidos.

2 - MODALIDADE DE ATUAÇÃO

2.1 – Ser multidisciplinar

2.2 - Ter gestão compartilhada

2.3 – Relevância e competência

2.4 – Ter compromisso com a sua sigla de pertencimento

3 – CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA

3.1 – Ter sede

3.2 – Ter arquivos

4 – TER RECURSOS OPERACIONAIS

4.1 – Recursos Humanos

4.2 – Recursos materiais

a) sala – sede – com dimensões suficientes para abrigar

a.1 – Estantes

a.2 – Arquivos de aço

a.3 – Mesas de trabalho (Castro Faria, 2006, p. 30-36).

Vale ressaltar, ainda, que Kant discordou apenas de um item e, “com jeitinho”, conseguiu aprovar o nome Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas ao invés de “Núcleo de Estudos e Pesquisas Fluminenses”, como era a ideia original de Castro Faria, que o tinha em mente para determinar um *locus* único de pesquisas a serem realizadas apenas no que ele chamava de contexto fluminense, isto é, no estado do Rio de Janeiro, em contraste com os núcleos do Museu Nacional, na cidade do Rio de Janeiro. Conforme redigido no item 1.2.2, Kant logrou convencer seu professor de que não haveria limites para os temas de pesquisa realizados no NUFEP, a não ser a adoção do critério de sua relevância científica — e não territorial.

Na sua já destacada irreverência e perspicácia, Kant possuía vários bordões, expressões e maneirismos conhecidos, como o seu inconfundível “para cima e para o alto!” e a insistência teórico-metodológica de destacar a importância dos contextos de pesquisa “em perspectiva comparada por contraste” em praticamente todos os títulos de trabalhos, projetos, eventos e aulas. E, até nelas, era possível identificar o seu compromisso com a sua maneira de trabalhar, formar e refletir.

O exagero cômico do “para cima e para o alto!” nos deu muita força e coragem para que não esmorecêssemos diante dos árduos desafios da carreira, dos editais não contemplados, dos concursos sem aprovação, mas também nos chamava para que não nos acomodássemos diante das vitórias, que foram muitas. Era, e permanece sendo, uma convocação para que continuemos a seguir com ânimo (“para cima!”), pensando sempre adiante e sem limites para onde pretendemos voar (“para o alto!”).

AS REUNIÕES DE SEGUNDA, DE 1994 A 2025

Revisitando nossas memórias, uma de nós se recorda claramente do primeiro dia que

conheceu Kant pessoalmente, em uma reunião de segunda-feira — e por isso essas reuniões constam identificadas nas referências bibliográficas, como um gesto também de reconhecimento da sua relevância única e, senão, principal na formação desempenhada por ele. Estas reuniões começaram em 1994 com a fundação do NUFEP e aconteciam na famosa sala 205, no bloco O do ICHF.

Conforme já mencionado, elas aconteciam semanalmente, às 17h, e nessa época já no 9º andar na rua José Clemente, no centro de Niterói, na sede do NEPEAC/UFF. Participavam dessas reuniões pesquisadores de diversos níveis de formação, fossem já formados ou em processo de formação (doutorado, mestrado, graduandos, posteriormente os bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Ensino Médio e por aí vai), sob orientação formal ou não do Kant, além de Claudio Salles, coordenador do LEMI e sua equipe, os administradores Lúcio Pinho e Virgínia Taveira, a técnica administrativa Monica Garelli, a bibliotecária e coordenadora do acervo Sonia Castro, e quem mais aparecesse.

A primeira reunião que participei foi justamente quando, após minha aprovação no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia em 2015 e por sugestão do professor Ronaldo Lobão, fui pedir orientação do professor Roberto Kant de Lima. Ao chegar na sala, a reunião ainda não tinha começado, mas Kant já estava lá conversando com os presentes. Eu me sentei ao lado direito dele com o intuito de conseguir perguntar, antes do início da reunião, se eu poderia participar da mesma. Sentado na cabeceira de uma longa mesa, ele deu uns informes mais gerais e passou a palavra para mim. Eu, até então, desconhecia a dinâmica da reunião, que consistia em ele iniciar as falas trazendo os informes gerais, falando sobre o andamento de alguma pesquisa, compartilhando sua agenda de compromissos e, em seguida, passava a palavra para todos que estivessem presentes, uma pessoa por vez, e geralmente começava pela pessoa sentada ao seu lado direito. Assim, quando ele terminou de falar, apontou diretamente para mim. Bastante envergonhada, perguntei se poderia participar da reunião, ao que ele prontamente respondeu: “Querida, você já está participando! Agora fala aí quem é você e o que você quer”. Eu expliquei a situação, totalmente constrangida por achar que eu deveria ter feito isso de um jeito mais “formal”, e pedindo desculpas por não ter “preparado nada para apresentar”. Eu estava começando o mestrado e, analisando retrospectivamente, provavelmente falei coisas que não faziam muito sentido sobre a pesquisa que eu pretendia realizar. Quando eu terminei, ele apenas respondeu: “Tudo bem! Você está com o papel aí para eu assinar?”, se referindo ao termo de compromisso de orientação, e passou a palavra para quem estava sentado ao meu lado, e assim consecutivamente até todos os presentes falarem. Foram debatidas desde questões pontuais, como adiamento de defesas de dissertação e tese, organização de eventos e

questões administrativas, como prazos de bolsas, assinaturas, até a análise coletiva dos dados de trabalho de campo apresentados por seus orientandos. Encerrada a reunião, a grande maioria das pessoas presentes se encaminhou para o bar, onde os assuntos debatidos na reunião (e muitos outros) continuavam com o mesmo compromisso.

Talvez de todas as práticas teórico-metodológicas aplicadas por Kant, a constância dos encontros semanais nas segundas-feiras seja a mais marcante. Pela maneira como elas eram realizadas e por terem sido realizadas de 1994 a 2025. São incontáveis os relatos de estranhamento que elas causaram, em um primeiro momento, em absolutamente todos que delas participaram, como o relatado aqui por nós. Independente da idade dos colegas, da sua formação de origem, o estranhamento acontecia, fossem os colegas de gerações mais antigas, fossem recém-formados, fossem oriundos da área do Direito, na qual essas práticas de pesquisa já eram por óbvio não conhecidas, fossem aqueles que chegavam da área das Ciências Humanas e Sociais. Essa prática de reunião coletiva realizada dessa maneira, tão constante, disponível e previsível, tratando de maneira transparente de tantos assuntos, não era comum. Às vezes, elas duravam 1h, às vezes éramos os últimos a sair do prédio comercial às 22h. Tudo a depender da quantidade de presentes, que não só tinham direito a falar, mas tinham que falar, apresentar-se, falar dos seus campos, das suas questões, das suas condições sobre bolsas, financiamentos, suas pretensões, suas propostas. Era sobre fazer circular as informações, compartilhar dúvidas e conhecimentos. Era uma questão de ter que falar, de aprender a se apresentar, de se expor, de dialogar em grupo, em rede, de falar “quem é você e o que você quer”.”.

Foram nessas reuniões que Kant formou uma legião de alunos, colegas, professores e pesquisadores, formou bibliotecários, administradores, secretários, e foi formado por eles, foi afetado por todos. Ele se permitia afetar, ele queria saber quem nós éramos, o que queríamos fazer e como pretendíamos fazer. Estava sempre atento e interessado, sempre com uma honestidade transparente e certa em suas críticas e orientações, ainda que viessem acompanhadas de palavrões, esbravejo e um tapa na mesa ou, então, com seu truque jocoso de mexer as orelhas e suas piadas. Com sua gargalhada alta, a sua voz grave e rouca, inconfundível, a sua inseparável mochila sempre a tiracolo e o compromisso de que, chegando na hora ou atrasando 1h, toda segunda ele estaria lá para trabalhar, para nos formar, orientar, administrar e, sobretudo, se divertir, com entusiasmo.

CONCLUSÃO

Este artigo é, assim, uma tentativa de reconstruir uma experiência de formação a partir das

nossas memórias do convívio com Kant. Não tivemos a pretensão de apresentar sua biografia, tampouco estabelecer uma narrativa completa sobre sua trajetória intelectual e profissional, mas jogar uma rede de pesca na memória, com a esperança de pegarmos os peixes graúdos que nos ajudem a contar um pouco desse privilégio que foi ser formada e trabalhar com ele. O que nos interessou trazer aqui foram situações, práticas, conversas e formas de convivência por meio das quais uma determinada maneira de fazer antropologia foi sendo aprendida.

Também não queremos com isso carimbar as nossas próprias costas com um suposto “selo de excelência” por estarmos sob a sua formação, excelência essa que ele certamente alcançou no decorrer da sua trajetória, prêmio dos que se arriscam, dos que desafiam, dos que acreditam e são leais aos próprios desejos. Ao contrário, pretendemos deixar registrado o que ele se propôs a ensinar sem carregar a responsabilidade sobre como cada um de nós aprendeu e executou, às nossas maneiras e com nossas limitações, as lições primorosas que recebemos.

Escrever sobre Kant depois de sua partida é, inevitavelmente, escrever também sobre nós mesmos: sobre aquilo que fazemos hoje, sobre as nossas escolhas, sobre as maneiras pelas quais conduzimos uma pesquisa, uma reunião, uma parceria ou um conflito. É tentar encontrar o professor, o timoneiro, o amigo quando ele já não está mais fisicamente presente.

Talvez a resposta esteja justamente naquela pergunta que fazemos para nós mesmos antes de tomar uma decisão. Na atenção às intenções que estão por trás de uma fala. Na desconfiança diante de uma categoria aparentemente evidente. Na insistência em olhar para aquilo que nos causa desconforto. Na preocupação em compreender a instituição antes de simplesmente criticá-la. Na disposição para estudar o direito com o direito, a segurança pública com a segurança pública, a antropologia em permanente crítica diante de nossas próprias categorias, e sempre no exercício de não separar hierarquicamente pesquisa, administração, formação e vida acadêmica.

E talvez seja por isso que a saudade seja tão brutal. Porque, como já dissemos, ela não aparece somente quando não sabemos o que fazer. Ela aparece exatamente quando percebemos que sabemos, porque ele nos ensinou.

Nesse sentido, este texto é também uma tentativa de encontro, um abraço coletivo nesse luto compartilhado. Não para concluir uma história que tenha terminado, mas para reconhecer, nas práticas daqueles que ele formou, as marcas de uma presença que permanece, de um legado que segue pelos caminhos que ele pavimentou e nos demonstrou como seguir, e sobretudo como criar novas estradas. Compreendemos, enfim, que algumas formas de aprendizado produzem sobre nós uma espécie tão particular e tão marcante de permanência, que o mestre que já partiu acaba por continuar presente justamente quando conseguimos fazer aquilo que um dia aprendemos com ele, sem ele. E, como quem deixa um lembrete para seguirmos, Kant

partiu no dia 19 de maio de 2025, numa segunda-feira.

Obrigada, Kant! Um dia nos encontramos de novo.

REFERÊNCIAS

1. 30 ANOS NUFEP - 28 de agosto de 2024. **Youtube InEAC**, [S. l.], 12 set. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qbzOUF7QtIA>. Acesso em: 1 ago. 2026.
2. CASTRO FARIA, Luiz de. **Antropologia: escritos exumados 3: lições de um praticante**. Niterói: EdUFF, 2006.
3. KANT DE LIMA, Roberto. **A antropologia da academia: quando os índios somos nós**. 3. ed. rev. ampl. Niterói: EdUFF, 2011 [1985].
4. KANT DE LIMA, Roberto; e alunos. **Memórias das reuniões de segunda-feira, de 1994 a 2025**. Niterói: NUFEP (sala 205, bloco O): NEPEAC, 1994 a 2025.⁵
5. KANT DE LIMA, Roberto. A presença de Castro Faria na Universidade Federal Fluminense (1993-1998): uma perspectiva afetivo-institucional. *In*: CASTRO FARIA, Luiz de. **Antropologia: escritos exumados 3: lições de um praticante**. Niterói: EdUFF, 2006. p.29-46
6. KANT DE LIMA, Roberto; MOTA, Fabio Reis; BRAMA, Leonardo. ‘Confusion of horizons? with unwanted Others: Frustrations, results and effects of ethnographic practices in the realm of justice and public safety. **Vibrant**, v. 21, p. 1-19, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-43412024v21e211008>. Acesso em: 27 ago. 2026.
7. KANT DE LIMA, Roberto. Prefácio: A antropologia com o direito e com a segurança pública, no Brasil, em perspectiva comparada. *In*: CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. **Desigualdade de Tratamento e Cidadania no Brasil: Pontos, contrapontos e dilemas da igualdade cidadã**. Rio de Janeiro: Autografia, 2025. v. 111. p. 13-39.
8. MESA de Encerramento: Para Cima e Para o Alto! - XI Seminário Internacional do INCT INEAC. **Youtube InEAC**, [S. l.], 14 nov. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/cheH5YxGvgQ?si=SacCeEaELLVpy5SP>. Acesso em: 1 ago. 2026.
9. MESA: Redes e parcerias para além do Brasil. XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO INCT INEAC. **Youtube InEAC**, [S. l.], 17 nov. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/dQJu263iGIM?si=Ib9UPj0TsS6mages>. Acesso em: 1 ago. 2026.
10. NADER, Laura. Up the anthropologist: perspectives gained from studying up. *In*: HYMES, Dell (ed.). **Reinventing anthropology**. New York: Pantheon Books, 1972. p.

⁵ Referência simbólica.

284-311.

11. SEGURANÇA Pública é tema de entrevista com Roberto Kant de Lima - Professor é o idealizador do primeiro curso de bacharelado na área. **Globo Universidade**, [S. l.], 9 maio. 2012. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/05/seguranca-publica-e-tema-de-entrevista-com-roberto-kant-de-lima.html>. Acesso em: 1 ago. 2026.
12. SILVA, Edilson Márcio Almeida da Silva. Quanto vale a liberdade? A antropologia da academia, 40 anos depois. **Antropolítica, Revista Contemporânea de Antropologia**, Niterói, v. 57, n. 2, e67010, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2025.v57.i1.a67010>. Acesso em: 27 ago. 2026.

Paloma Monteiro

Professora Adjunta do Departamento de Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense. Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4302-6979>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Pesquisa empírica, Análise de dados, Redação e Revisão. E-mail: palomamonteiro@id.uff.br.

Natália Barroso Brandão

Pesquisadora de pós-doutorado, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Doutora em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5637-2574>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Pesquisa empírica, Análise de dados, Redação e Revisão. E-mail: nataliabbrandao@gmail.com.